

Teatro x

Dança x

Conferências e Debates x



16 JAN 2019
TRISTE IN ENGLISH
FROM SPANISH (Escolas)

17-19 JAN 2019
TRISTE IN ENGLISH
FROM SPANISH

16 JAN 2019
A VIDA TAL QUAL ELA É:
O DIREITO À TRISTEZA

18 JAN 2019
ECOFEMINISMO

Comecei a criar este trabalho a partir da minha tristeza, particular, tentando tocar, a partir dela, na tristeza do mundo, em geral – toca e foge, toquei eu – mas dei a volta ao mundo para voltar até à minha tristeza particular, no final. “Quanto mais se foge de uma coisa, mais perto ela permanece”. Eu não sou só triste, também me troco toda e troco-me as voltas.

Why sad? Why not? Como não ser coisa viva e não ficar triste com o estado do mundo? Como não ficar ainda mais triste quando já se é triste, por natureza, efeito, defeito ou genética?

Apercebi-me que o discurso deste trabalho, tanto naquilo que escrevi para dizer, como naquilo que é performado pelas outras criadoras-intérpretes, está enraizado num conceito ou movimento artístico (será?) a que chamei: Psico-Poética do *Browser* (Zizek, eat your heart out). Apercebi-me que, no decorrer desta nossa longa investigação, ia juntando fragmentos, frases, ideias, buscas, que apontavam uma reflexão sobre o estado do mundo (o mundo tem de acabar!) e sobre o estado das pessoas (em particular as mulheres) em relação ao mundo e em relação à Terra, planeta cada vez menos natural. As minhas raízes são ecofeministas, eco-queer, holístico-filosóficas, estranhas, entranhas. Essas raízes desenterraram outras preciosidades, muito sérias, pouco sérias, absurdas, vulneráveis, numa espécie de anatomia da tristeza, como espaço gerador, como espaço de partilha, como espaço que gera a dor e a esperança. Esperança em quê? Não sei bem, não tenho respostas, mas, se comigo insistissem, eu diria: no amor. Acho que nos juntámos todas para falar de amor e comer *snacks*. Uma coisa leva à outra. Debaixo do pastel ronda o lamento.

É um trabalho cocriado com muitas mulheres que comigo aceitaram mergulhar (abraçar a urso e mergulhar, para depois sair do mergulho e voltar a andar. Oxalá). Olhar a tristeza e a morte nos olhos não é fácil mas é necessário. Para melhor viver, senão tranquilamente, pelo menos de uma maneira interessante e desafiante. “Queres ser uma pessoa feliz ou interessante?”. Entre o choque e o assombro diários. Usar a tristeza para ativar a zanga e conseguir assim lutar por um mundo melhor e mais justo. Neste trabalho de Dança que é Teatro, que dialoga com várias outras Artes, falam as mulheres e os pássaros.

Sónia Baptista

Teatro ×

Dança ×

Escolas ×

SÓNIA BAPTISTA

TRISTE IN ENGLISH FROM SPANISH

16–19 JAN 2019

16 QUA 10:30 (Escolas)

17 QUI 21:00

18 SEX 21:00

19 SÁB 19:00

Grande Auditório

Duração 1h45

M/16

Uma dramaturgia impossível

Solo e lóquio ou só e louca?
Boob print.
O perigo de suprimir a tristeza.
This will make you cry.
Les Miserables.
“And probably my last word
before I die will be: fuck!” Disse a Katie Lee.
Dancing with boxes.
Praia, areia, caqui, meh.
Nautilus.
O polvo não tem culpa.
Querido diário.
Olho de peixe.
Querida, diário.
Sem texto automático alternativo disponível.
Go to the land.
Am I becoming too sad?
Exit.
Nasce pássaro.
Hope is a thing with feathers.

A confissão

Estamos todas juntas
e só eu é que estou triste.
Mas não estou bem triste.
Estou bem, triste.

No mundo não faz nada sentido.
Nada no mundo é sentido.
Eu sinto de mais o mundo.
Se caio à água, não nado.

O que faz sentido é estarmos todas juntas.
Chamam os pássaros: Carolina? Márcia?
Joana? Cleo? Paula? Ana?

Respondem os pássaros:
Gostodelas!

“Hope is a thing with feathers.”
(Fazer canção, com coração
com a Emily Dickinson)

No início disto tudo ainda citei o Zizek.
Arrependi-me.

Too late. Temos pena.

A cena “Dancing with Boxes” deriva de parte do trabalho de investigação e criação da artista plástica Stephanie Spindler intitulada “Boxing Project” e foi desenvolvida com a sua ajuda e gentil colaboração. A ideia e conceitos são seus e serviram de inspiração para nós criarmos as nossas esculturas e duetos.

Para
compreender
de vez
a tristeza,
a depressão,
a melancolia.

Conferências e Debates x

ANA CARDOSO
OLIVEIRA,
ISABEL EMPIS,
MIGUEL SILVEIRA
E SÓNIA
BAPTISTA

A VIDA
TAL QUAL
ELA É:
O DIREITO
À TRISTEZA

16 JAN 2019

QUA 18:30

Grande Auditório

Duração 2h

Parceria: Psicólogos Associados



A tristeza é uma emoção reativa a uma perda ou a um luto. É a forma saudável que os seres humanos têm de reagir, enquanto na depressão não há saúde, há doença e com frequência, mal diagnosticada. A melancolia é a componente física da depressão, um termo muito utilizado desde a antiguidade como se fosse um aspeto criativo e desejável da depressão.

A depressão e a ansiedade, neste momento, são parte integrante da reação ao nosso estilo de vida. A dor depressiva é alimentada também por fatores, tais como o passado, relações parentais difíceis, genética e apresenta como características: pensamentos negativos, sentimentos de desamparo, perda de interesse no quotidiano, alterações das questões alimentares e do sono, astenia, problemas de concentração, desconforto físico, cansaço, raiva e agressividade.

Com frequência, pensamos saber a definição da depressão mas, de facto, vivemos em constante ansiedade por pressão externa ou interna como se fosse um desconforto com o que sentimos semelhante a uma resignação que não nos serve. Assim, andamos todos em busca de felicidade, de nos sentirmos bem com nós próprios e com vontade de viver a nossa própria vida.

A felicidade é estarmos motivados, não é ausência de dor, porque ausência de dor implica conforto temporário dos objetos ou de pessoas, em que não há qualquer tipo de emoção. Emoções negativas como tristeza, zanga ou medo, são partes integrantes e temporárias da vida que levamos. Assim, para termos vidas saudáveis e criativas temos primeiro que ter saúde física, isto é, não podemos estar deprimidos porque a depressão tem também uma componente física.

Estarmos tranquilos é coincidirmos com os nossos pensamentos e os nossos comportamentos. Conflitos emocionais transbordam em ansiedades e depressões. Temos de criar objetivos para o aqui e agora e para o futuro que pode ser para amanhã ou para daqui a muitos anos e não nos confrontarmos com a ideia de que há caminhos mais fáceis. Todos os caminhos são difíceis mas bons, porque temos as ferramentas para os percorrermos. Temos então que: desenvolver autoestima para que não andemos sempre à procura nos outros do que queremos conseguir e temos de comunicar bem, porque a relação com as outras pessoas depende integralmente da forma como os outros estão na nossa vida.

Ana Cardoso Oliveira, Psicólogos Associados



© Joana Dillão

YAYO HERRERO

Conferências e Debates x

ECO FEMINISMO

18 JAN 2019
SEX 18:30
Pequeno Auditório
Duração 90 min

Ecofeminismo perante a crise ecológica e social

O ecofeminismo é uma corrente de pensamento e um movimento social que denuncia que a economia, cultura e política hegemónicas se desenvolveram em oposição às bases materiais que sustentam a vida. Propõe formas alternativas de reorganização económica e política, de modo a que se possam recompor os laços que se romperam entre as pessoas e com a natureza.

O ponto de partida é a consciência de que a espécie humana vive encarnada em corpos que são vulneráveis e finitos. Corpos de que é preciso cuidar ao longo de toda a sua existência, e de forma mais intensa nalguns momentos do ciclo vital. Os seres humanos, individualmente, não conseguem sobreviver se não receberem uma atenção que garanta a reprodução quotidiana da vida. Nas sociedades patriarcais, quem realiza maioritariamente essas tarefas são as mulheres, não porque sejam as únicas capazes de o fazer, mas porque a divisão sexual do trabalho impõe a sua realização através de diversos mecanismos: a socialização, as noções de dever, do sacrifício vinculado ao amor, ou simplesmente o medo.

Mas, além disso, a vida humana insere-se num meio natural ao qual pertence e com o qual interage, e de onde obtém o que é necessário para subsistir. Este meio natural tem limites físicos e impõe restrições que chocam de frente com a dinâmica expansionista do capitalismo.

Nenhum ser humano pode viver sem essa relação com o meio natural, ou sem receber cuidados. No entanto, a sociedade ocidental aprendeu a olhar para a Natureza e para os corpos de um ponto de vista de exterioridade, de superioridade e de instrumentalidade.

Só alguns indivíduos – maioritariamente homens – é que podem viver como se flutuassem acima dos corpos e da natureza – e fazem-no graças ao facto de, em espaços escondidos da economia e da política, outras pessoas, terras e espécies se ocuparem de os manter com vida.

Constituem uma minoria, mas a política e a economia organizaram-se como se fossem esse o sujeito universal.

A economia, nascida neste contexto, raciocina exclusivamente no mundo monetário e expulsa do seu campo de estudos os processos complexos da regeneração natural, a finitude dos recursos e o trabalho de cuidado, que considera um encargo. Este olhar “desmaterializado” acabou por gerar uma profundíssima crise eco-social (alterações climáticas, esgotamento de recursos básicos, desigualdades, crise de reprodução social, etc.) que ameaça arrasar a existência de muitos seres vivos.

O olhar ecofeminista permite tomar consciência da oposição e conflito que existem entre o capital e a vida, e proporciona chaves para reconfigurar a lógica política e económica.

A primeira coisa a fazer é assumir a inevitável redução da esfera material da economia. Não se trata tanto de uma opção como de um dado inevitável. Esta adaptação pode produzir-se mediante uma luta desigual e violenta pelo uso dos recursos decrescentes, ou mediante um reajuste decidido e antecipado com critérios de equidade.

Este processo obrigaria a promover uma cultura da suficiência e da autocontenção no concreto, a apostar na realocação da produção, no restabelecimento da vida rural e na diminuição do transporte e da velocidade.



ANA CARDOSO OLIVEIRA

Supervisora de casos clínicos desde 1999. Vasta experiência em avaliação psicológica de adultos, adolescentes e crianças e prática clínica em variadas áreas e patologias, como depressão, ansiedade, perturbações do sono, perturbações do comportamento alimentar, enurese e encoprese infantis, transtornos ao nível das relações interpessoais, terapia de casal, entre muitos outros.

ISABEL EMPIS

Lisboa, 1949. Exerce psicanálise e psicoterapia psicanalítica há mais de 40 anos. Licenciada em Psicologia Clínica na Universidade de Genève sob a direção de Jean Piaget. Foi docente nessa universidade durante três anos, onde iniciou o seu doutoramento “A Evolução do Sentido de Humor”. Em 1978 volta a Lisboa e dá aulas na Faculdade de Psicologia durante oito anos, trabalhando paralelamente em clínica e em centros de saúde mental sob a direção dos Dr. João dos Santos e de Dr. Coimbra Matos. Foi psicóloga do Hospital Miguel Bombarda de 1986 a 2000. É sócia da Sociedade Portuguesa de Psicanálise. Colaborou com a revista Pais & Filhos. Escreveu seis livros sobre saúde mental. Conferencista e formadora, desde 2008 orienta o curso de formação complementar de Psicologia “Ousar Ser: usar o que se aprendeu através do que se é” com o objetivo de desenvolver na prática a inteligência emocional dos formandos.

MIGUEL SILVEIRA

Biólogo marinho e mestre em Gestão e Conservação da Natureza. Tem dedicado a sua vida profissional às questões da sustentabilidade e, em particular, à exploração equilibrada do Oceano. É atualmente gestor da MadeinSea, uma empresa que opera no setor da bioeconomia azul e o seu percurso inclui a participação num projeto de desenvolvimento sustentável na Amazónia, o envolvimento em projetos de investigação, a direção de um aquário público e a gestão de uma unidade de eco-turismo.

SÓNIA BAPTISTA

Nasceu em Lisboa. É formada em Dança Contemporânea pelo Fórum Dança. Em 2001, foi-lhe atribuído o Prémio Ribeiro da Fonte de Revelação na área da Dança pelo Ministério da Cultura por *Haikus* (o seu primeiro trabalho). Obteve, com distinção, o grau de Master Researcher in Choreography and Performance da Universidade de Roehampton em Londres. No seu trabalho explora e experimenta com as linguagens da dança, performance, música, literatura, teatro e vídeo. Trabalha também em direção de movimento e dramaturgia. Para além de textos e poemas em várias publicações, tem já seis livros editados. Colabora com a Companhia Nacional de Bailado, com o Fórum Dança e a Escola Superior de Teatro e Cinema em projetos pedagógicos. Dos seus últimos trabalhos destaca *In the Fall the Fox / E na Queda Raposar* (Festival Temps d’Images, 2014), *A Falha de Onde a Luz* (2015), *Assentar Sobre a Subida das Águas* (Festival Alcantara, 2016) e *Querer do Corpo, Peso* (São Luiz, 2017). Apresentou-se em vários festivais e teatros em Portugal e no estrangeiro. Artista Associada da AADK Portugal.

YAYO HERRERO

Madrid, 1965. Antropóloga, educadora social e engenheira técnica agrícola. Professora da Cátedra Unesco em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (UNED) e sócia fundadora da Cooperativa Garúa – Saberes e Projetos para a Mudança. É coautora coautora de mais de uma vintena de livros e de artigos relacionados com o campo interdisciplinar da ecologia social. Foi coordenadora do grupo espanhol Ecologistas em Ação (2005 e 2014).

We are constantly told that we have to be more in everything we do: more happy, more joyful, more clever, more eternal. This paradox exists and it is not by chance that people say: much laughter, little wisdom. This warns us that growth and change call for us to be serious and to abandon those negative emotions that we feel. Growth is based on transformation, and change reflects discomfort, which, in turn, reflects the wish to change.

However, all the stages on which we appear encourage us to be joyful and happy, ranging from the social media to our relationships. If we're sad, we immediately "have to react", "aren't you becoming depressed?", "cheer up!". This is a time for denial.

Taking Sónia Baptista's dance piece as our inspiration, we will present two conversations at the end of the day: on January 16th we will join together two psychologists, a biologist and a writer and choreographer to take part in a conversation about sadness; on January 18th, the researcher Yayo Herrero talks about about ecofeminism and such issues as looking after the land and human life, environmentally aware consumption, social inclusion, and economic and social models that are compatible with the regenerative movement of nature.

UM PROJETO CONSTRUÍDO POR

- Sónia Baptista
- Carolina Campos
- Márcia Lança
- Joana Levi
- Cleo Tavares
- Ana Libório
- Paula Sá Nogueira
- Raquel Melgue
- Aya Koretzky
- Gabriela Salazar
- Daniel Worm
- Lara Boticário
- Lara Torres
- Héloise Marechal
- Raw Forest
- Sonja
- Bleid
- Stephanie Spindler
- Ana Vidigal
- Anne-Sophie Tschiegg
- Joana Dilão
- Cláudia Duarte
- Liliana Coutinho
- Patrícia Azevedo da Silva
- Maria Sequeira Mendes
- Júlia Rocha
- Marília Garcia
- Angélica Freitas
- Carla Diacov
- Nina Rizzi
- Adelaide Ivánova
- Ingrid Carrafa
- Virna Teixeira
- Francine Jallageas
- Júlia de Carvalho Hansen
- Rita Isadora Pessoa
- Érica Zingano
- Aimée Pedezert
- Isidro Paiva
- Agapi Dimitriadou
- Carolina Barreiros

PROJETO FINANCIADO POR

- Ministério da Cultura /
- Direção-Geral das Artes

COPRODUÇÃO

- Culturgest

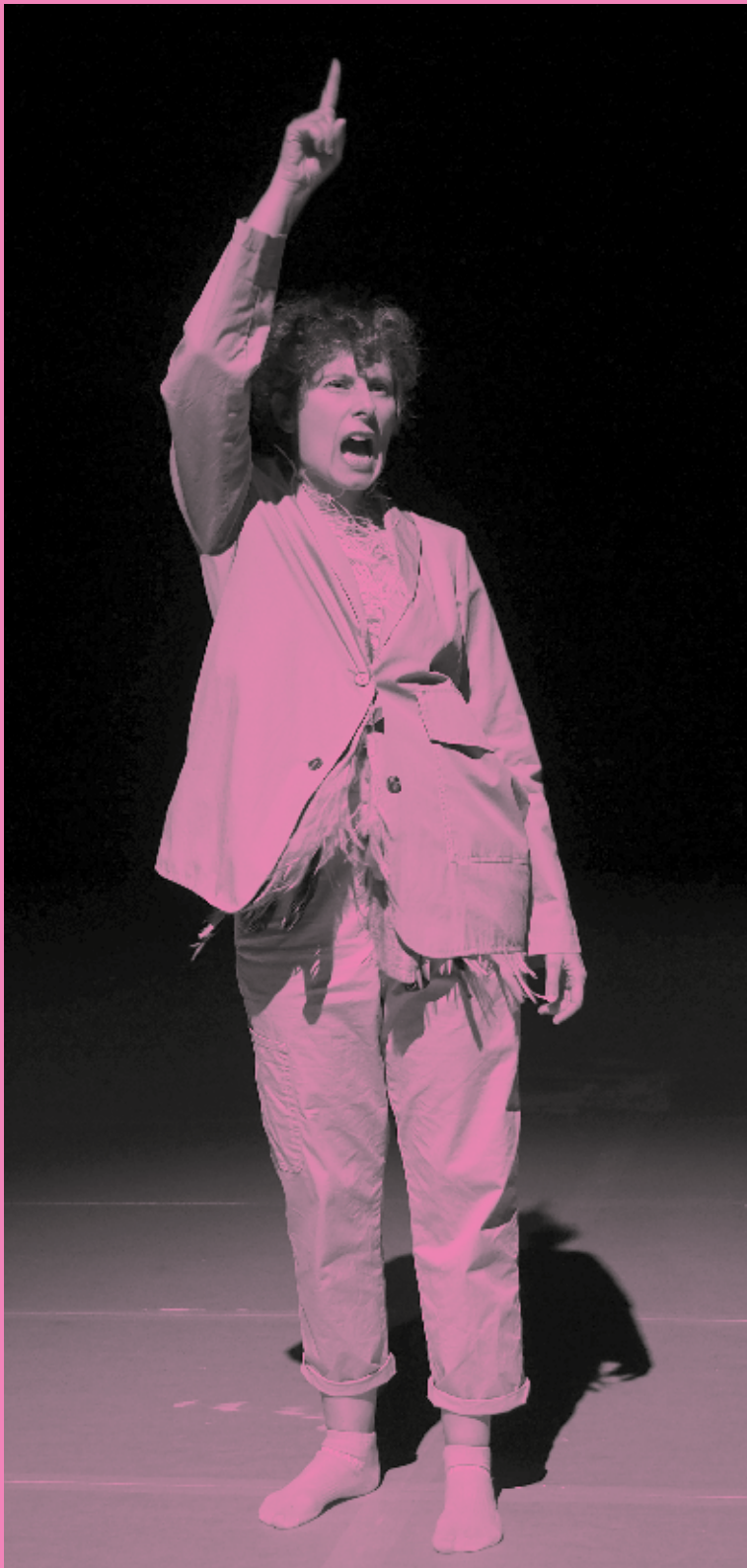
PRODUÇÃO

- AADK

APOIOS

- Alkantara
- Gaivotas 6
- O Armário – Arte Ilimitada
- TAGV
- O Espaço do Tempo
- Kubik Galeria
- Centro Cultural Vila Flor – Candoso
- Cão Solteiro
- Galeria Monumental
- Teatro Sá da Bandeira
- FabLab





© Joana Dilão

Constantemente, dizem-nos que temos de ser mais tudo: mais felizes, mais alegres, mais espertos, mais eternos. Este paradoxo existe e não é por acaso que se diz: muito riso, pouco siso. Alerta-nos que o crescimento e a mudança passam por uma seriedade e um abandono das nossas emoções tidas como negativas. O crescimento faz-se de transformação e a mudança reflete o desconforto e este a vontade de mudar.

No entanto, todos os palcos incentivam à alegria e à felicidade, desde as redes sociais até às nossas relações. Se estamos tristes, de imediato “temos de reagir”, “não estarás a ficar deprimido?”, “anima-te!”. O tempo é de negação.

Tomando como mote a peça de Sónia Baptista, apresentamos duas conversas ao fim do dia: no dia 16 de janeiro juntamos duas psicólogas, um biólogo e uma escritora e coreógrafa para uma conversa sobre a tristeza; no dia 18 de janeiro, a investigadora Yayo Herrero trás-nos o ecofeminismo e questões como o cuidado da terra, consumo ambientalmente consciente, inclusão social e modelos económicos e sociais compatíveis com o movimento regenerativo da natureza.

Brevemente

RIMINI PROTOKOLL

Teatro x

100% LISBOA

1-10 FEV

1,8 SEX 21:00

2,9 SÁB 19:00

3,10 DOM 17:00

Grande Auditório

Duração 1h40

M/6

MONTANHAS

Música x

AZUIS:

NORBERTO LOBO,
MARCO FRANCO,
BRUNO PERNADAS

A ILHA DE PLÁSTICO

15 FEV

SEX 21:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest